

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ANA FLÁVIA DA SILVA

**PORQUE UTILIZAR OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO
PARA FAZER EDUCAÇÃO?**

CAMPINAS

2012

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

**Porque utilizar os meios de comunicação para
fazer educação?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da Unicamp, para
obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia, sob a orientação do
Prof. Dr. Sérgio Ferreira do Amaral.

CAMPINAS
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Si38p Silva, Ana Flávia da
Por que utilizar os meios de comunicação para fazer
educação? / Ana Flávia da Silva. – Campinas, SP: [s.n.],
2011.

Orientador: Sérgio Ferreira do Amaral.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Educação. 2. Meios de comunicação. 3.
Educomunicação. 4. Comunicação e educação. 5.
Formação de professores. I. Amaral, Sérgio Ferreira do. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

12-037-BFE

***Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus, pois sem
Ele nada disso seria possível.***

Também ao meu companheiro e amor Luiz, minha Vita.

E finalmente, aos meus pais **Ciro e Suely, às minhas
irmãs **Juliana e Fernanda** e aos meus sobrinhos
Isabella e Davi.**

Agradecimentos

Agradeço a Deus sempre por ter me permitido entrar na Universidade de Campinas que sempre sonhei cursar, e por Sua misericórdia em todos os momentos de minha vida pessoal e acadêmica.

Agradeço ao prof. Dr. Sérgio Amaral pela constante paciência, ao socorro em momentos de impossibilidades e pela compreensão, mesmo quando eu não a merecia.

Agradeço a Luciane, assistente da coordenação da FE, também pela paciência, pelo apoio e pela constante disponibilidade em resolver minhas pendências.

Agradeço ao meu marido Luiz, por sempre estar ao meu lado pra me apoiar e me levantar nos instantes de dúvida e quase desistência. E também por seu amor, compreensão e persistência.

Agradeço aos meus pais que estiveram do meu lado, me buscaram e levaram da faculdade e que fizeram de tudo para tornar esse momento da minha vida possível.

Agradeço a minha melhor amiga Ana Cecilia, por estar sempre me motivando e me levando pra frente, quando tudo parecia me estagnar.

“Posso todas as coisas naquele que me fortalece.”

(Filipenses 4:13)

*“Se a educação sozinha não pode transformar
a sociedade, tampouco sem ela a sociedade
muda.”*

(Paulo Freire)

“Até que o sol não brilhe, acendamos uma vela na escuridão.”

(Confúcio)

Resumo

Atualmente, o mundo se configura extremamente globalizado. A mídia como um todo tem se mostrado importante ferramenta de multiplicação de informações e de conexão entre diferentes pessoas de diferentes partes do mundo.

A educação, como principal mediadora do conhecimento na maior parte da vida das pessoas, não pode se esquivar da necessidade de se atualizar, no sentido de agregar tais mídias ao seu cotidiano escolar, com o intuito de se integrar às inúmeras vivências de crianças e adolescentes que tanto convivem diariamente com tais mídias, quanto também necessitarão de tal facilidade em seu manuseio para seu futuro, que será cada vez mais midiático.

Tanto essa necessidade se faz presente e atual que a própria legislação trata do assunto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, confirmando que a formação escolar do indivíduo deve compor também a compreensão do ambiente tecnológico que está inserido na sociedade.

A partir destas considerações, o presente trabalho pretende compreender o cenário atual em que educação e comunicação se convergem e explicar como, e se, essa convergência tem sido colocada em prática nas escolas. Outro objetivo que se pretende neste trabalho é compreender se a formação do professor tem se voltado para a atual demanda de atualização tecnológica e para o uso de tais tecnologias em sala de aula. Por fim, explicitar a necessidade de rever a formação inicial do professor, com o intuito de se inserir um conteúdo voltado para a educação com as mídias e de facilitar o uso destas no trabalho docente, em favor de uma educação contextualizada, motivadora, eficaz e interessante para os alunos.

Palavras-chave: educação, meios de comunicação, educomunicação, comunicação e educação, formação de professores

SUMÁRIO

Introdução	09
Metodologia	17
Capítulo 1 – Panorama da tecnologia na educação	19
Capítulo 2 – O que tem acontecido nas salas de aula?	27
Capítulo 3 - A formação docente e o uso das tecnologias no cotidiano escolar	32
Conclusão	39
Referências Bibliográficas	43

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar atualmente tem se mostrado extremamente difícil para grande parte dos alunos e professores, principalmente da rede pública de ensino. Isso acontece porque além dos problemas estruturais, físicos, políticos e sociais que os mesmos enfrentam diariamente, têm se tornado cada vez mais arcaicos os métodos de ensino dentro das salas de aula.

Contudo, há algum tempo, já existe uma tentativa de mudança dessa situação – mesmo que ainda caminhando a passos lentos –, principalmente com a questão da globalização que se expande cada vez mais e exige, de todos, renovação e atualização contínua. Essa tentativa é vista principalmente na área acadêmica, de pesquisa e elaboração de projetos, porém, menos em salas de aula, apesar de ser onde mais é necessária esta renovação.

Uma parte desse movimento pela renovação do ensino e aprendizagem escolar tem ganhado força, tanto nos meios acadêmicos, quanto nos projetos inseridos em comunidades escolares. Esta tem como objetivo tornar o ensino mais contextualizado com a rotina de crianças e adolescentes que convivem diariamente com este mundo cada vez mais globalizado e tecnológico, além de torná-lo mais motivador.

A utilização dos meios de comunicação no trabalho escolar, tanto por professores quanto por alunos, é assunto cada vez mais frequente em rodas de pesquisadores que trabalham tanto com mídia quanto com educação. Para além das discussões sobre a influência do conteúdo transmitido pelas mídias sobre o psicológico ou comportamental de milhares de espectadores, pretende-se focar em como essas mídias podem favorecer o ensino e a aprendizagem

e servir de instrumento de motivação, de maximização do processo de ensino e aprendizagem e também de melhoria do relacionamento entre alunos, entre alunos e professores, e entre comunidade escolar e seu entorno.

Além disso, se faz necessária essa integração entre meios de comunicação e educação por ambos estarem presentes em grande parte da vida destas crianças e adolescentes, se não em toda ela. E isso de forma cada vez mais crescente. Atualmente, crianças veem televisão e fazem lição de casa, ou ouvem aparelhos de som e leem livro, tudo ao mesmo tempo. Essa realidade não é de agora, e sim algo que tem se mostrado constante há muito tempo, mas não se via como necessária uma mudança na rotina escolar. Nada tinha sido feito para conectar e modernizar o sistema de ensino à evolução tecnológica inserida no cotidiano social, e menos ainda para compreender e se sintonizar com essa nova geração que está, até mesmo durante o período escolar, conectada a diversas mídias, o tempo todo, dentro e fora das escolas. Essa nova demanda geracional de crianças e adolescentes, anseia por uma nova educação, onde elas possam se interessar pelo ensino escolar, porque ele faz parte de suas vidas cotidianas e faz sentido, já que é atualizado, contextualizado e tem como objetivo desenvolvê-los e estimulá-los para o futuro, que será cada vez mais tecnológico e também globalizado, e necessitará dessas pessoas para guiá-lo e gerenciá-lo.

Aos que têm contato com o cotidiano escolar, não é difícil perceber que há sim, em boa parte das escolas, um movimento de inserção de tecnologias por parte dos governos, tanto federais,

como estaduais e municipais. Diversas escolas já possuem em sua estrutura salas com computadores, aparelhos televisores, acesso à internet, rádio, dentre outros. E isso é de grande importância para os jovens, pois, muitos deles quase não têm acesso em sua vida particular, em suas casas ou convívio diário, com alguns destes meios de comunicação. Entretanto, seus futuros demandarão um conhecimento e contato com estes, por isso a importância da escola proporcionar este convívio e contato com a tecnologia.

Todavia, este tem sido feito de maneira restrita, muitas vezes por falta de conhecimento no manuseio destes materiais por parte de professores e gestores ou então por causa do uso limitado que acaba por não contemplar a otimização do ensino, de forma a contribuir para uma formação mais integral e efetiva, tal qual é um dos objetivos principais dessa parceria entre educação e comunicação.

Aliás, a questão da educação e da comunicação há tempos é tema de muita discussão e pressupostos dentro dos meios acadêmicos, escolares, midiáticos e sociais.

De acordo com MAZZARELLA (2009), a história da comunicação envolvida com a educação inicia-se na década de 50. Entretanto, é na década de 70 que estes estudos se tornam mais frequentes, mas focados nos efeitos negativos que as mídias poderiam ter sobre crianças e adolescentes. Estes estudos giravam em torno da questão da violência. Entretanto, segundo ela, conseguiu-se abrir espaços para discussões mais abrangentes, além dos efeitos e influências negativas da mídia. Iniciou-se, então, a televisão educativa, com a proposta de dar qualidade aos

conteúdos transmitidos, levando-se em conta as necessidades do desenvolvimento do público infantil, transformando a televisão, naquele momento, em uma importante ferramenta educacional. Foi neste período que se lançou nos Estados Unidos o programa Vila Sésamo, de forma bem planejada focando o entretenimento com benefícios educativos para as crianças.

Com o passar dos anos, os programas educativos nos EUA vincularam-se a produtos, desenvolvendo e estimulando o consumo infantil, diminuindo seu caráter educativo, focando, então, nas audiências que os mesmos davam. Entretanto, conseguiu-se neste país o estabelecimento de um período mínimo de exibição de programas infantis por semana (3 horas – estabelecido em 1990), por parte de órgãos regulamentadores, buscando-se com as premissas baseadas em metas curriculares e conteúdo formativo, manter a qualidade dos programas educativos na televisão americana.

Segundo ela, ainda, atualmente, o que se vê por lá e pela maior parte do mundo são crianças que concebem a televisão como parte da família, já que passam a maior parte do tempo em frente a ela e a computadores. Por isso, há a necessidade de não vê-la mais somente como vilã e sim utilizá-la como parceira no propósito educacional de crianças e adolescentes.

Toda esta questão levantada em seu livro sobre esse país norte-americano também é relevante no Brasil. Da mesma forma que lá, muitos brasileiros e brasileiras em idade escolar têm acesso principalmente à televisão, diariamente, e também, de modo geral, a outras formas de mídia. Com isso, como já dito, é necessário

levar em consideração a importância de se integrar comunicação e educação a fim de projetar uma educação realmente significativa e atual para os jovens.

Em sua publicação, todavia, SOARES (2011), traz à memória que não são fáceis de serem adotadas iniciativas que unam a educação e a comunicação, já que a tradição é de um ensino fragmentado e conteudístico que deve responder à demanda dos vestibulares.

Além disso, SOARES (2011) destaca o maior problema enfrentado por aqueles que buscam levar essa nova perspectiva para dentro das escolas:

“O obstáculo maior é, na verdade a resistência às mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos, reforçada, por outro lado, pelo modelo disponível da comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista na relação emissor receptor.”

Na tentativa de se efetivar a prática do uso dos meios de comunicação na educação, é abordado na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, este tema, destacando a importância do aprendizado das tecnologias convergindo-se com as diversas áreas de conhecimento e disciplinas. O que se apresenta nesta publicação é a questão da compatibilidade entre a escola e o mundo moderno, onde as tecnologias fazem parte da sociedade e, sendo assim, a escola não pode negligenciar sua existência, pelo contrário, deve adaptar-se e

se atualizar para atender às demandas do mercado, onde as tecnologias já fazem parte do cotidiano.

Na própria Declaração Universal dos Direitos Humanos, promovida pela Unesco, no seu artigo 19, há o reconhecimento do princípio que destaca o direito de todos de receber e transmitir ideias e informações, por quaisquer meios, inclusive o midiático. Portanto a expressão comunicativa, além de direito é de extrema importância o seu reconhecimento por parte das autoridades responsáveis tanto pelo ensino dentro das escolas quanto por aqueles que cuidam da gestão educacional e, principalmente, nos espaços de formação das gerações futuras.

Mesmo com esse movimento pela aceleração do processo de inclusão do uso das mídias como ferramentas para otimizar o processo de ensino, vê-se que o governo apenas assumiu legalmente a importância deste, mas não ressaltou a questão da sua viabilização de recursos para a inserção dessas tecnologias na educação e muito menos da capacitação de profissionais da educação para colocar em prática a lei estabelecida. Portanto, há a necessidade de revisão desta lei e que seja levada em consideração a inclusão, não somente no papel, da questão da disponibilização de investimentos na área de conhecimento que abrange as tecnologias e a formação e capacitação de professores.

Tendo em vista esta questão, será que nos dias atuais há possibilidades de um uso qualitativo dessas tecnologias em sala de aula por parte dos professores, sem que haja uma capacitação ou uma formação adequada?

Para GARBIN (2007), poderia ser limitada essa possibilidade, por isso acredita ser necessária uma qualificação dos professores para o uso das novas tecnologias, para que usem as mídias como ferramentas que se moldam a suas necessidades.

Sendo assim, a proposta deste trabalho é discutir a extrema importância da difusão dos benefícios do trabalho da educação com a comunicação, vislumbrar o que tem acontecido nas salas de aula atualmente, e como tem sido feito o uso de tais tecnologias disponíveis nas escolas; verificar se é contemplado nos cursos de formação o aproveitamento de tais tecnologias para tornar mais eficiente e efetivo o ensino e a aprendizagem e, finalmente, pressupor um maior investimento por parte das autoridades governamentais e também uma formação de professores mais integral, que proporcione um conhecimento sobre as tecnologias e suas formas de utilização, para que possam otimizar seu trabalho docente.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada foi uma revisão bibliográfica acerca do tema do uso dos meios de comunicação na educação. Buscou-se uma abordagem qualitativa e quantitativa dos dados apresentados, a fim de construir uma perspectiva teórica sobre a necessidade de uma formação docente mais ampla e global que capacite para o trabalho com a comunicação no cotidiano dos ambientes educativos.

CAPÍTULO 1

PANORAMA DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

A tecnologia aliada a educação com o intuito de otimizar e tornar o ensino mais efetivo e interessante tem sido tema de diversas pesquisas e matérias jornalísticas que buscam compreender como funciona e qual o panorama da tecnologia no Brasil.

Em sua dissertação de mestrado, SOUZA (2005) reitera a importância do uso das novas tecnologias na educação. Traz diversas contribuições sobre o tema citando autores que embasam sua pesquisa sobre o assunto. Em uma de suas citações ela traz a contribuição de GUTIERREZ (1978) que afirma ser inaceitável que a escola não acompanhe as transformações tecnológicas, visto que a educação é parte de uma política de Estado que não é neutra e que pode exercer uma grande diferença no processo de diminuição das disparidades de acesso às tecnologias, principalmente em relação a aceder a informações. (SOUZA, 2005, pg. 7)

Também é citado OROZCO (2002) a fim de levantar mais uma importante contribuição das novas tecnologias de informação, que seria a democratização do conhecimento, da educação e da própria comunicação. (SOUZA, 2005, pg. 26)

Uma das contribuições mais interessantes desta publicação é a utilização dos meios de comunicação na educação como forma de estratégia política de melhoria de ensino e modificação do processo de aprendizagem, promovendo a participação, a comunicação e a troca de conhecimentos entre os atores envolvidos neste processo de ensino.

Aliás, a denominação Educomunicação é usada para definir o uso das tecnologias na educação e na gestão comunicativa, além

de uma união dos meios de informação nas atividades do ensino. Em São Paulo o termo ganhou destaque ao ser implementado na rede de ensino municipal o projeto Educom.radio – *Educomunicação pelas Ondas do Rádio* confiado ao NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da Universidade de São Paulo (USP). O objetivo inicial era a redução da violência no espaço escolar e resumia-se pela distribuição de um *kit* de produção radiofônica que permitia a criação de um pequeno estúdio de transmissão a fim de realizar produções midiáticas de forma a ampliar os movimentos de expressão e movimentar os recreios. Além disso, o projeto era colaborativo, pois havia um revezamento de alunos, além de, em algumas escolas, ter seu uso ampliado ao trabalharem conteúdos disciplinares, dentre outros. Este foi implantado em 455 escolas de ensino fundamental e atendeu, entre os anos de 2001 a 2004, cerca de 11 mil agentes, incluindo professores, estudantes e membros da comunidade escolar. Os benefícios desta iniciativa se destacaram no cenário da educação municipal. O sucesso do projeto foi tanto que no fim de 2004 se tornou objeto de lei, tornando-se política pública do Estado de São Paulo. (SOARES, pg. 38)

Ver a educação aliada a comunicação e isso ser tratado como política pública é um ganho enorme para aqueles que se preocupam com o ensino, já que podemos estar tratando não somente de uma inserção de novas tecnologias no mundo do ensino e aprendizagem, mas sim de uma reforma global, o que significa alterar os moldes de um ensino fragmentado e arcaico para um ensino condizente com a evolução do mundo e, conseqüentemente, mais interessante aos jovens que evoluem com

ele. Com isso, SOUZA (2005) nos apresenta um novo tipo de ensino:

“(...) podemos pensar que a escola possa ser um centro de formação para o jovem que vise a sua formação global, iniciando pelo letramento: passando pela formação tecnológica. Trata-se de uma educação que estabeleça uma comunicação mais intensa, mais viva, dos processos educativos, proporcionando técnicas de aprendizagem, auto expressão e participação.” (pg. 08)

Fora do mundo acadêmico o assunto é levantado constantemente, apresentando os benefícios da união dessas duas áreas a fim de potencializar o ensino e ampliar o acesso às tecnologias de informação.

Em reportagem publicada em dezembro de 2009 na revista Nova Escola, da editora Abril, Regina Scarpa, coordenadora da Fundação Victor Civita e da própria revista, traz um conceito importante que estamos reiterando aqui. O conceito de que temos que trabalhar não as tecnologias voltadas para a educação, mas sim uma educação com as tecnologias, ou seja, uma fusão que venha maximizar a prática pedagógica e também o aprendizado, já que o torna mais dinâmico, comunicativo, motivador, participativo e eficaz.

Entretanto, como afirmamos anteriormente, é necessário enxergar essa união como política pública, já que estamos longe de uma distribuição significativa dessas novas tecnologias nas escolas e, principalmente, da implantação das mesmas, com professores e

monitores realmente capacitados e habituados a utilizar essas ferramentas no processo de ensino.

Em janeiro/fevereiro de 2011, em reportagem da mesma revista, foi divulgado um panorama das tecnologias na educação, preocupante. Segundo o IBOPE, cerca de 67,5 milhões de brasileiros possuíam conexão com a internet, enquanto que a escola ficava, e continua ficando, para trás. Quase metade das escolas brasileiras não tem nem sequer um computador instalado e mais de 90 mil não têm conexão com a internet. Ter computadores em sala de aula é um privilégio de apenas 4% das escolas das capitais.

Além dessas estatísticas atemorizantes é fato que o uso dos computadores nas escolas ainda é mais burocrático do que pedagógico, o que apenas amplia o abismo que existe entre a informação e a comunidade escolar.

Os professores, por exemplo, continuam distantes do mundo digital, segundo a mesma reportagem. Apenas 26% afirmam ter recebido alguma informação para utilizar o computador em sala de aula, enquanto que 74% não se consideram preparados para utilizar o computador com suas turmas. Os dados são de pesquisa feita em 2009 pela Fundação Victor Civita (FVC) em parceria com o Ibope Inteligência e o Laboratório de Sistemas Integráveis Tecnológico.

Outra pesquisa que devemos citar que nos explicita a atual situação brasileira é a trazida por SOARES (2011). Segundo ele, o que tem faltado nas escolas, os jovens tem buscado em outros espaços, como constata a pesquisa “Geração Interativa na Ibero-América: crianças e adolescentes diante das telas”, lançada pela

Fundação Telefônica, em março de 2009, em parceria com a Universidade de Navarra (Espanha). A pesquisa apontou o Brasil como país em que os jovens buscam caminhos próprios de comunicação. A mesma foi realizada em diversos países da América Latina, e no Brasil focou-se no estado de São Paulo com mais de quatro mil alunos de escolas privadas e públicas. Como principal dado de seus resultados, a clara despreocupação da escola com a cultura digital: 50% da amostragem diz que nenhum professor utiliza a Internet para estimular o uso da rede ou pra explicar matéria. Além disso, 60% dos estudantes brasileiros afirmam que acessam a internet em *lan house* e não em casa ou na escola.

Essas informações só confirmam que o mundo da comunicação tem se mostrado mais atrativo, dinâmico e rápido, e chega bem antes ao aluno, por isso há certo desinteresse quanto à própria educação escolar.

No entanto, é o uso dessas ferramentas tecnológicas nas práticas pedagógicas como meios, ou recursos, para potencializá-las que podem transformar e aproximar a educação dos jovens.

Em publicação do jornal O Estado de São Paulo, no caderno Tecnologias, de março de 2010, o uso da internet é abordado, citando o ranking global de condições de uso da mesma, organizado pelo Fórum Econômico Mundial.

Dentre 133 países participantes o Brasil se encontra na 61^a posição, atrás de Chile, Uruguai, Barbados, Costa Rica e Porto Rico. Além destes, ainda se encontram na frente países como Índia e China.

Este Índice das Tecnologias de Informação avalia o nível de preparo dos países para usar e aproveitar as tecnologias de comunicação e informação em áreas (ambiente regulatório, empresarial e de infraestrutura destas tecnologias) e em grupos (indivíduos, empresas e governos). Além da implementação real das últimas tecnologias de comunicação e informação disponíveis.

O êxito dos países que se encontram nas primeiras posições, como Suécia (1º), Cingapura (2º), Dinamarca (3º), Suíça (4º) e Estados Unidos (5º), deve-se a atenção de longa data de governos e iniciativas privadas em educação, inovação, acesso e difusão das tecnologias de comunicação e informação, segundo Irene Mia, economista sênior do setor de Rede de Competitividade Global, do Fórum Econômico Mundial. Além disso, há uma visão compartilhada das mesmas, e abordagens de todas as partes interessadas da sociedade para aproveitar os avanços tecnológicos de comunicação e informação.

Dados como estes explicitam a necessidade de uma iniciativa, inicialmente, governamental na tentativa de mobilizar outros setores da sociedade a se engajarem na modernização e implantação de recursos tecnológicos em seus diversos segmentos, a fim de acabar com a fragmentação e setorização das iniciativas de inclusão digital, estabelecendo então metas, estratégias e investimentos necessários, com a finalidade de diminuir as desigualdades existentes.

Ao avistarmos este panorama, devemos atentar para a contribuição que esses avanços tecnológicos podem trazer aos nossos estudantes, haja vista que o mundo tem evoluído em seus

diversos setores e, particularmente, no educacional e o Brasil não pode ficar estagnado em estruturas ultrapassadas de ensino.

Entretanto é necessário um investimento profundo na infraestrutura das escolas, capacitação e formação de professores que, como vimos, não se encontram preparados para essa cultura digital tão necessária para uma reforma da educação brasileira e para utilizar a tecnologia a favor da aprendizagem.

Ainda na pesquisa da Fundação Victor Civita, divulgada e acessada através do site da revista Nova Escola, temos a estatística de que apenas 15% dos professores pesquisados afirmam ter recebido formação para o uso de tecnologias aplicadas à Educação. Além disso, grande parte desses cursos foca apenas nas ferramentas de uso de computadores, o que se mostra um maior agravante.

Portanto, na atual conjuntura educacional não há condições de se estabelecer as tecnologias da informação como instrumento de potencialização da prática pedagógica, pois a formação docente não contempla o domínio do conceito de tecnologias na educação e muito menos as estratégias de intervenção, tornando-os incapazes de dominar as linguagens produzidas socialmente na construção de uma cultura escolar condizente com a cultura da sociedade contemporânea.

CAPÍTULO 2

O QUE TEM ACONTECIDO NAS SALAS DE AULA?

Haja vista esse cenário educacional que desto da evolução tecnológica pela qual passa a sociedade globalizada, e ainda a falta de formação adequada que capacite professores a utilizar esses meios de comunicação como instrumento de trabalho e de maximização da aprendizagem, ainda tem-se que observar o que acontece dentro das escolas e das salas de aula acerca do uso dessas tecnologias que, apesar do investimento em computadores e internet banda larga, ainda é escasso.

Em reportagem publicada pela revista Nova Escola, em julho de 2008, o panorama apresentado é preocupante. A partir da solicitação de um levantamento da escola que melhor representava o uso efetivo e qualitativo das tecnologias no Ensino Fundamental feito a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, revelou-se um quadro inquietante. A sala de informática da escola sugerida pela Secretaria não funcionava há dois anos por falta de conhecimento dos professores sobre sua utilização no trabalho docente, por falta de um profissional capacitado e responsável pela coordenação técnica e pedagógica e também por falta de manutenção das máquinas.

Por outro lado, segundo dados deste levantamento, a distribuição de equipamentos e de internet banda larga por toda a rede de ensino estadual, é grande: 97% das 5.500 escolas paulistas possuem computadores e 80% da rede tem a cobertura de internet banda larga. Todavia, não há manutenção, algumas escolas não têm computadores suficientes – já que cada sala comporta cerca de 40 alunos – e não há pessoal capacitado para se responsabilizar pelo uso técnico e pedagógico dos mesmos.

A principal questão é que computadores não educam sozinhos. Os meios de comunicação, como o computador, servem de instrumento para uma possível potencialização da prática pedagógica aliada a projetos de ensino de professores capacitados e instrumentalizados para o uso destes.

Para quem convive nos ambientes escolares o retrato acima não é nada diferente do encontrado em outras redes de ensino. Salas com alguns computadores ultrapassados, televisores e, ainda, videocassetes amontoados, quebrados por não ter manutenção devido à falta de recursos ou pelo excesso de burocratização no momento de trocar ou consertar os mesmos, são temas frequentes.

Os jovens que possuem acesso à internet não se sentem motivados com o ensino já que não está contextualizado com seu cotidiano e com a evolução do mundo que posteriormente exigirá dele uma maior habilidade no momento de lidar com tais tecnologias. O jovem que não tem acesso fora da escola também não será beneficiado com a existência destes computadores, já que não são utilizados para diminuir o abismo existente entre os que têm acesso a informação e os que não têm, prejudicando-o não somente como estudante, mas como futuro membro da classe trabalhadora que também tem se modernizado de tal maneira que até mesmo as menores lojas, bares ou vendas já trabalham ou utilizam as tecnologias em seu dia a dia.

O que é claro, a partir das publicações citadas, é que os meios de comunicação têm sido subutilizados nas escolas. Os gestores da educação não estão atentos à necessidade de uma

modificação no processo de ensino, possibilitando o uso efetivo desses equipamentos com o intuito de transformar o ensino em algo edificante e atualizado.

Segundo outra reportagem da Folha Online que também cita a pesquisa realizada pela Fundação Victor Civita, os professores ainda preferem utilizar os programas mais simples nos computadores, como apresentação de mapas, edição de textos e apresentação de slides. Sendo assim, o entrevistado, professor Sergio Ferreira do Amaral, afirma ser grosseiramente errôneo que os governos invistam em tecnologia, ou seja – para eles – distribuição de computadores para as escolas, se não houver uma capacitação de professores para utiliza-los como instrumentos de ensino.

Sendo assim, os recursos são mal utilizados e tornam-se gastos desnecessários, já que a real e atual utilização se resume a atividades que desnaturalizam o potencial existente nestas máquinas. Com isso, Amaral afirma que o desinteresse e o distanciamento continuam.

Além de a formação normalmente não contemplar o uso e a instrumentalização das tecnologias no cotidiano docente, grande parte dos cursos de capacitação apenas ensinam a operacionalizar as máquinas, reforçando o ínfimo uso das mesmas.

Ainda, segundo a reportagem, a pesquisa aponta que apenas 28% das escolas possuem um professor orientador de informática e apenas 9% deles trabalham com a disseminação e treinamento da tecnologia informática para seus colegas.

O que se apresenta, mais uma vez, é que não há como fazer educação com os meios de comunicação, sem a postura de formação de professores como política pública necessária para que o gasto da educação com equipamentos tecnológicos seja realmente válido. Só assim a formação contemplará a melhoria do uso das tecnologias como ferramenta para a aprendizagem de todos os alunos.

CAPÍTULO 3

A FORMAÇÃO DOCENTE E O USO DAS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Reforçamos em todo o texto, até agora, a importância de uma formação docente adequada ao novo rumo que a educação, aliada à comunicação, deve seguir. Mas de que forma se concebe e como o uso dessas tecnologias é possível dentro das salas de aula, a partir dessa formação?

Como dissemos, até o momento, pouco tem sido feito para realmente tornar a formação docente mais completa e direcionada para as práticas pedagógicas que envolvem o uso dos meios de comunicação na potencialização do trabalho do professor, a não ser por iniciativas de complementação de currículo por meio de cursos de curta duração.

Não acreditamos na formação de um profissional específico da área da educomunicação como a mais adequada solução para o problema do distanciamento da escola com a cultura digital que permeia a sociedade globalizada. Tal possibilidade é levantada no livro Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação, de Ismar de Oliveira Soares. Este afirma que é indispensável que o Estado convoque especialistas – e encontre caminhos para sua atuação – de fora da escola para atuarem no ensino, a fim de suprir a atual demanda de profissionais capacitados para o trabalho com as novas tecnologias.

SOARES (2011) acredita que a criação de cursos profissionalizantes que capacitem um educador para atuar na escola não é somente válido, mas é uma oportunidade de adequar sua atuação prática com modelos estruturados a um ensino que se torne motivador e interessante, desfrutando das

oportunidades que se abrem nesta área para o panorama da educação profissional de nível técnico.

Entretanto, nossa perspectiva trata da formação como algo abrangente e global, onde estudantes da graduação tenham a oportunidade de se familiarizar com os meios tecnológicos, de aprender a utiliza-los como ferramenta de trabalho docente e também de adquirir conhecimento dos instrumentos de uso que os mesmos podem oferecer. Não podemos conceber a tecnologia como algo voltado apenas para especialistas e nem mesmo acreditar que é possível ministrar aulas somente com o que foi aprendido na graduação que é oferecida atualmente. Portanto, uma formação que contemple todo o âmbito educacional e comunicativo em todos os seus aspectos, inclusive, e principalmente, o prático é mais que necessária: é urgente.

GARBIN (2005) traz a importância desse direcionamento educacional para a comunicação se tornar política de formação inicial e excedendo ao que tradicionalmente acontece que são os cursos fora da graduação que focam em teoria e não em prática, explicitando um texto de FREIRE (1997):

“(...) é preciso reorientar a política de formação dos docentes, superando os tradicionais cursos de férias em que se insiste no discurso sobre a teoria, pensando-se em que, depois, as educadoras põem em prática a teoria de que se falou no curso pela prática de discutir a prática (...) (FREIRE, 1997, p. 75) (GARBIN, PG. 52).”

O panorama de formação em universidades e faculdades em todo o país em relação à proposta educacional interseccionada com a comunicação não é animador. Mesmo em universidades estaduais pouco, ou nada, se vê de iniciativas de se formar o professor para a prática docente e, muito menos, de aliá-la a utilização dos meios de comunicação como ferramenta de promoção do ensino e contextualização com a sociedade informatizada. O que se vê são disciplinas, totalmente desconectadas do restante dos conteúdos formativos, que tratam das tecnologias de forma ampla e teórica, não propiciando nenhuma prática ou trabalho com o uso dessas tecnologias no futuro cotidiano do trabalho docente.

Outro obstáculo existente é a falta de informação quanto aos benefícios da utilização dos meios de comunicação no trabalho docente, gerando resistências por parte de professores e gestores. Isso se deve a dificuldade de aceitação de mudanças nos processos de relacionamento dentro de boa parte dos ambientes educativos, sendo reiterada por um modelo de comunicação hegemônico da relação unilateral de transmissão de conhecimentos, de emissor para receptor.

Ao contrário do que afirma SOARES (2011), o que se tem visto em pesquisas relacionadas ao uso dos meios de comunicação no ensino, realizadas por pesquisadores da área da educação, é que há sim um grande interesse de renovar as práticas pedagógicas se utilizando de instrumentos de comunicação, suas linguagens e tecnologias a fim de modificar o panorama educacional. Os pesquisadores brasileiros que tratam deste tema divulgam amplamente a intersecção dessas duas áreas a fim de

promover as potencialidades de um ensino motivador e contextualizado com o cotidiano da sociedade, que é imperado pelas inovações tecnológicas, ao invés de confirmar este uso apenas como recurso esporádico no cotidiano do professor, como há tempos é feito na prática educativa.

O MEC trabalha propostas de inserção da educomunicação como uma opção relevante a formação docente e na estrutura curricular, segundo SOARES (2011). O objetivo é modernizar a profissão de professor, visto que isso é possível a partir do momento em que se abrem perspectivas para o novo, melhora o próprio interesse de alunos e sua produtividade. Ou seja, ao invés de considerar essas tecnologias ameaças em potencial, enxerga-las como interessantes e novas possibilidades de fazer uma nova escola e uma nova aula.

Em dezembro de 2009, a revista Nova Escola publicou um texto, chamado Formação para trabalhar com tecnologia: o grande desafio de quem ensina, sugerindo ações que podem fazer a diferença na questão da formação, capacitação e inserção da tecnologia nos ambientes educativos. O texto explicita que já que a formação docente atualmente não contempla o uso das tecnologias, cabe às Secretarias da Educação promover capacitação, investindo recursos e tempo. Ressalta, ainda, a importância de salientar aos docentes em exercício que as tecnologias servirão como aliadas, facilitadoras e contribuirão para aumentar e melhorar a comunicação entre alunos, professores e gestores. É importante falarmos que não é na formação voltada para o uso sistemático dos computadores e de softwares, mas sim incluir os meios de

comunicação nas capacitações específicas sobre os conteúdos das disciplinas.

A formação que contemplamos é global, que atende a diversos aspectos da docência e que condiz com a estrutura social e tecnológica que vivenciamos. GARBIN (2005), novamente elenca um autor, com o intuito de explanar o tipo de profissional que também almejamos:

“Um profissional responsável pelas aulas propostas na educação escolar de cidadãos, tem, portanto, direito a condições que lhe permitam estudar, pesquisar, entender essa problemática, melhorar seus conhecimentos comunicacionais, incluindo as diversas novas tecnologias da comunicação e seus entrelaçamentos com as mais tradicionais (...)” (FUSARI, 1992).
(GARBIN, PG. 103)

Além disso, temos que avaliar quando é necessária e fundamental a aplicação da tecnologia na sala de aula, visto que passa a ser incoerente quando é utilizada apenas para transmissão de dados, exibição de apresentações em Power Point ou jogos de computadores que servem apenas para cobrir buracos num planejamento mal formulado. É necessário que tenhamos meios de comunicação a serviço dos conteúdos.

Ou seja, conhecimento, formação e capacitação, familiaridade com os recursos possíveis dessas tecnologias e planejamentos e projetos bem feitos e formulados são essenciais para um bom uso dos meios de comunicação na educação. Enfim, trabalhar educação com comunicação.

“O importante no momento, é que a formação a ser propiciada assegure aos profissionais da educação domínio sobre a natureza do conceito e suas áreas de intervenção, de maneira a permitir que eles tenham segurança e motivação para levar sua prática ao cotidiano das escolas em todo o país,” (SOARES, 2011)

O que se pretende ressaltar aqui é a incorporação do processo pedagógico e educativo com a comunicação, suas linguagens e tecnologias e não restringir o uso destas tecnologias como um simples conjunto de ferramentas a serviço da performance exclusiva do professor.

CONCLUSÃO

Iniciamos este trabalho trazendo as contribuições de autores sobre o tema da comunicação como ferramenta de potencialização da educação.

Vimos que o panorama educacional não se apresenta tão motivador, já que problemas estruturais, de falta de investimentos e formação adequada dificultam a promoção de uma educação de qualidade e contextualizada com a cultura digital que se renova a todo o momento dentro da sociedade globalizada.

Nas salas de aula o cenário não é tão diferente. Professores temerosos quanto a inserção das tecnologias, estudantes desmotivados e desinteressados já que não faz parte de seu cotidiano a falta de interatividade e participação no processo de evolução e contato com as tecnologias, como ele convive nos ambientes educativos. Governos tentam implementar de forma econômica os meios de comunicação nas escolas, mas sem oferecer infraestrutura, manutenção e profissionais capacitados para transmitir conhecimentos e lidar com o planejamento técnico e pedagógico desses equipamentos.

Enquanto isso, na formação de professores vê-se um total descaso por parte de universidades que fecham seus olhos para as evoluções das tecnologias ao implementar seus currículos, contribuindo para a formação de docentes incapazes de lidar com as inúmeras possibilidades que oferecem essas tecnologias no trabalho com a educação. Enquanto isso, as Secretarias de educação que poderiam tentar amenizar o distanciamento desses professores que já atuam nas redes da modernização e informatização das práticas pedagógicas, ignoram a demanda por

aperfeiçoamento docente e infraestrutura tecnológica dentro das escolas.

O que queremos propor, com este trabalho, é um maior investimento em formação inicial docente, com o intuito de capacitar e propiciar uma educação mais atrativa, motivadora, eficaz, participativa e envolvente do que a que temos atualmente.

Além disso, é necessário salientar que o importante não é educar somente para as mídias, a fim de enxergá-las e analisá-las criticamente, mas sim uma educação com as mídias, sendo estas utilizadas como ferramentas de ensino e aprendizagem.

Em seu livro, MAZZARELA (2009) esclarece que o uso das televisões educativas como benéfico para a aprendizagem e busca de uma formação global dos indivíduos:

“Quando a televisão educativa é usada de forma adequada à idade e cuidadosamente construída, transforma-se em um poderoso e eficiente instrumento, promovendo uma conduta pró-social, crenças menos estereotipadas em relação aos papéis sexuais, habilidades gerais acadêmicas e intelectuais, habilidades cognitivas específicas, como o comportamento e aquisição do hábito da leitura, habilidades do vocabulário e comunicação, habilidades matemáticas e para resolução de problemas e comprometimento cívico e conhecimento de estudos sociais.” (pg. 219)

Ou seja, é sim possível criar meios de comunicação que contemplem a promoção do indivíduo de forma integral e da educação, já que está intrinsecamente ligada ferramenta da comunicação.

O que se propõe é uma gestão compartilhada desses meios de comunicação aliada à prática educativa a fim de proporcionar imediatamente motivação por parte dos jovens, apropriado relacionamento com seus professores, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e mobilização para a ação. (SOARES, 2011)

A formação docente deve se desviar de uma corrente de acúmulo de conteúdos de ensino, e sim focar apreensão dos instrumentos e dos recursos disponíveis nas tecnologias a fim de proporcionar aos estudantes compatibilidade com os conhecimentos com os quais convivem cotidianamente, de forma a valorizar a aprendizagem significativa e promover um ensino que os permita atuar ativamente e de modo transformador em sua formação como pessoa e cidadão.

Para que essas considerações sejam possíveis é necessário um intenso diálogo com o poder público a fim de explicitar a necessidade e a viabilidade de aplicar propostas de educação com comunicação a fim de propiciar essa formação docente eficaz. Enfim, deve-se rever a formação de profissionais da área da educação.

Enquanto isso, constatamos que estamos longe de uma formação na pedagogia e em outras áreas de ensino que aproxime a educação e a comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Folha de São Paulo - Professores usam apenas recursos mais simples do computador
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u671725.shtml>

GARBIN, M. C. **Construção de um ambiente educacional interativo na Internet:** a biblioteca escolar digital. (TCC) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

GARBIN, M. C. **Uma análise da produção audiovisual colaborativa:** uma experiência inovadora em uma escola de ensino fundamental. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

Jornal O Estado de São Paulo – Museu de Novidades, 2009.
<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,museu-de-novidades,370219,0.htm>

_____. - Brasil cai duas posições no ranking global de internet, 2010.
<http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia,brasil-cai-duas-posicoes-em-ranking-global-de-internet,529042,0.htm>

_____. – Plano de Inclusão Digital é insuficiente no país, diz estudo, 2007. <http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia,plano-de-inclusao-digital-no-brasil-e-insuficiente-diz-estudo,30921,0.htm>

MAZZARELLA, Sharon R. (org.) *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997. (ver em <http://www.mec.gov.br/sef/ensfund/paramnac.shtm>)

Revista Nova Escola – Computadores: Janelas para o mundo, 2009. <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/planejamento-e-financiamento/computadores-janelas-para-o-mundo-519520.shtml>

_____. – Computadores nas escolas: uma lenta conexão, 2011. <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/planejamento-e-financiamento/computadores-escola-lenta-conexao-618066.shtml>

_____. – Crônica da (Crônica) informatização escolar, 2008. <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/cronica-informatizacao-escolar-425478.shtml>

_____. – Ensinar com a ajuda da tecnologia, 2010. <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/ensinar-ajuda-tecnologia-594448.shtml>

_____. – Índice – Edição Especial. Pesquisa da Fundação Victor Civita revela a real utilização dos computadores e da internet

nas redes públicas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Veja as possibilidades de ação nesta área dividida em três grandes blocos: infraestrutura, formação e planejamento.

<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-especiais/029.shtml>

_____. – O grande desafio de quem ensina, 2009.

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/o-grande-desafio-de-quem-ensina-519559.shtml> --

_____. – O novo perfil do professor, 2010.

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/novo-perfil-professor-carreira-formacao-602328.shtml>

_____. – Tecnologia na aula, 2009.

<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/tecnologia-aula-computador-escola-pesquisa-fundacao-victor-civita-aprendizagem-518769.shtml>

_____. – Tecnologias nas escolas: tem, mas ainda é pouco, 2009.

<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/planejamento-e-financiamento/tem-mas-ainda-e-pouco-519549.shtml>

_____. – Um guia sobre o uso das tecnologias nas salas de aula, 2009.

http://revistaescola.abril.com.br/avulsas/223_materiacapa_abre.shtml

_____.- O melhor do computador, 2008.
<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/melhor-computador-450791.shtml>

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUZA, K. I. **Novas tecnologias e educação**: preparando a escola para a chegada da TV digital interativa. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.7